

Motley reconhece que dívida de curto prazo requer renegociação

5 JUN 1983

São Paulo — Já há um entendimento na comunidade financeira internacional de que a dívida de curto prazo do Brasil deve sofrer algum tipo de renegociação, embora ela não saiba nem quando nem de que forma isso poderá ser feito. O comentário foi do Embaixador dos EUA no Brasil, Anthony Motley, homenageado com um almoço ontem pela Câmara Americana de Comércio em São Paulo, por sua nomeação para Secretário de Estado Adjunto para Assuntos Interamericanos, cargo que assume quinta-feira, em Washington.

Para o recém-eleito presidente da Câmara, Knowlton King, os empresários norte-americanos preferem, atualmente, consolidar seus investimentos no Brasil a realizar novas aplicações. Entre eles, disse, há quase uma unanimidade de que o país deve renegociar sua dívida externa, para ter um prazo maior com que arrumar sua economia.

Motley não quis citar expressamente a palavra "renegociação". Preferiu dizer que os banqueiros entendem a necessidade de "esticar" a dívida de curto prazo brasileira. No dia anterior, no programa **Crítica e Autocritica**, da TV Bandeirantes, ao responder ao Senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) sobre a concessão de novos créditos-ponte ao Brasil — a exemplo do que ajudou a obter no final do ano passado, de 1.5 bilhão de dólares — o Embaixador declarou: "Está todo mundo reconhecendo que o **roll-over** (rolagem) da dívida a cada 90 dias não resolve o problema". (Os créditos-ponte são de curtíssimo prazo.)

Motley acrescentou, no mesmo programa, que é muito difícil para a comunidade financeira efetuar uma renegociação das dívidas de curto prazo, porque teria que dar satisfações a seus acionistas. "Não se pode levar uma dívida de curto prazo, de 90 dias, para 8 anos de um dia para o outro" — comentou. Ontem, no almoço da Câmara Americana, o Embaixador não quis negar nem apoiar a hipótese de uma ajuda dos Estados Unidos para o encaminhamento deste tipo de renegociação com os banqueiros. "Não é o papel dos Estados Unidos intermediar junto aos banqueiros" — afirmou Motley.

Motley reafirmou sua crença no Brasil e em sua capacidade de superar a crise atual. "O Brasil tem que acreditar em si e executar os programas para superar a crise, que serão duros mas vão funcionar". Ele repetiu a tese de que o comércio mundial deve ter "mão dupla", isto é, preocupar-se com exportações mas também com importações, "para que a música recomece de novo". Defendeu a redução das barreiras tarifárias e não tarifárias e foi contra uma nova ordem econômica mundial. Mas, no programa **Crítica e Autocritica**, reconheceu a necessidade de se "fazer alguma coisa no preço das matérias-primas".

Knowlton King é vice-presidente de operações da Continental Can International Corporation, o maior fabricante de embalagens dos Estados Unidos, e foi eleito pela segunda vez presidente da Câmara Americana de Comércio, de São Paulo. A primeira vez em que se elegeu presidente da entidade foi em 1975.

— Os empresários têm certeza de que a longo prazo a situação econômica do país se transformará em um novo processo de desenvolvimento. A situação atual é considerada como um momento de dificuldade superável. Esta é a opinião de empresas que estão entre 25 e 60 anos aqui no Brasil — explicou Knowlton.